

## “Tulipas Negras”: Mídia, Violência e Perseguição a Homossexuais na Curitiba dos Anos 1950<sup>1</sup>

José Carlos Fernandes<sup>2</sup>

André Luiz Justus Czovny<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

“Tulipas Negras” – o assim chamado grupo de homossexuais masculinos que, na Curitiba dos anos 1950, se reunia de forma secreta, à salvo dos conservadores – ganhou notoriedade ao figurar na obra do escritor paranaense Dalton Trevisan. A ficção tem um corolário na realidade, frente às notícias de jornal que informaram mais de uma repressão policial à confraria ou similares. Os recortes dos diários servem de matéria prima para os estudos de violência de gênero. Paralelo, literatura e imprensa ganham uma triangulação com o imaginário popular em torno do caso – os “tulipas” são citados com frequência como exemplo do autofagismo e homofobia de parte da população curitibana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Repressão a homossexuais; Imprensa policial; Tulipas Negras; Literatura e jornalismo; Curitiba anos 50.

### CONTEXTOS

Imprensa, literatura e imaginário coletivo se cruzam em torno de um episódio da História da Vida Privada de Curitiba, Paraná, conhecido como “Tulipas Negras”<sup>4</sup>. Em períodos alternados da década de 1950, a polícia teria reprimido uma espécie de confraria – ou sociedade secreta – de homossexuais masculinos que se reuniam em apartamentos particulares, para festas, não raro à fantasia, e supostos encontros amorosos. A propalada “modernidade” do período – marcada pelos 50 anos em 5 do presidente Juscelino Kubitschek, a construção de Brasília e a bossa nova – não teriam encontrado eco nos comportamentos, tanto mais em províncias à margem do Rio de Janeiro e São Paulo.

O grupo curitibano – que encontra similares em outros estados do Brasil, a exemplo do “Turma OK” (Soliva, 2019), do Rio de Janeiro, ainda em atividade – teria a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Memórias, Representações e Narrativas LGBTQIA+ na Comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Jornalista. Professor doutor do Curso de Jornalismo e do PPGCom da Universidade Federal do Paraná, email: [zecca@ufpr.br](mailto:zecca@ufpr.br).

<sup>3</sup> Jornalista. Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná, email: [andrejustusc@gmail.com](mailto:andrejustusc@gmail.com)

<sup>4</sup> “Tulipas Negras” é um título autoexplicativo, referente à uma modalidade rara de flores, metáfora sob medida para traduzir a existência dos homossexuais como parte da natureza.

particularidade de ter sido duramente reprimido, a ponto de sua extinção, numa espécie de execração pública orquestrada pelos jornais e pelas forças de segurança pública. O caso ganhou notoriedade pelo fato de que os “tulipas” abrigariam nomes da alta sociedade em suas fileiras. Ao terem suas identidades publicadas na imprensa, não só os participantes foram expostos, como também suas famílias. A apropriação literária do episódio lhe deu sobrevida, distorções, curiosidade, exotismo e folclore. Some-se que frente às lutas identitárias, a passagem ocorrida há sete décadas ganha dimensões historiográficas, como marco da perseguição e repressão à hoje comunidade LGBTQIA+ (Green et al, 2018).

Essa soma de tensionamentos pede uma ação dos pesquisadores que se ocupam da memória e história dos minorizados sexuais em cidades e regiões em que esse levantamento ainda está por ser realizado. No caso paranaense – mesmo com os avanços do Centro de Documentação LGBTI+ Prof. Dr. Luiz Mott (Cedoc LGBTI+) do Grupo Dignidade; e do projeto Paraná Mais Diversidade – a composição dessa “linha do tempo” ainda está em curso, numa força-tarefa contra os apagamentos, em especial porque muitos documentos relacionados às lutas de resistência estão em posse de famílias ou em arquivos mortos do poder públicos. A natureza sensível do tema aumenta o risco de nunca serão publicizados ou estudados.

De todos os marcos da luta LGBTQIA+ ocorridos no estado, o “Tulipas Negras” figura entre os que estão em caixas-pretas mais resistentes. Muito falado, mas pouco estudado, o episódio ganhou um novo capítulo em 2023 ao ser incluído no “Percurso LGBTI+ Curitiba”, desenvolvido pelo projeto de extensão Máquina de Ativismos em Direitos Humanos, do Departamento de Direito da Universidade Federal do Paraná, com coordenação do pesquisador Leandro Franklin Golsdorf; e pelo projeto Acervo Bajubá, coordenado pelo psicólogo social Remom Matheus Bortolozzi – entre uma dezena de envolvidos na força-tarefa.

O “Percurso...” ocorre, mediante pedidos, no Centro de Curitiba, com uma caminhada que passa em 12 espaços de resistência ou repressão a homossexuais, lésbicas, travestis e transexuais. O ponto de partida é a chamada “Boca Maldita”, no Calçadão da Rua XV de Novembro, precisamente na placa, continuamente vilipendiada, em homenagem à travesti e moradora de rua Gilda, que esmolava e roubava beijos dos passantes (Fernandes, 2017). A cada parada, o monitor faz um descritivo do que ocorreu

nesses locais e são mostrados recortes de jornal, referentes a cada época. O caso “Tulipas Negras” é narrado na Praça Osório, diante de Edifício Kwasinski, local em que teria ocorrido a repressão mais ostensiva à confraria – em alguma data ainda não comprovada dos anos 1950. Os recortes exibidos se referem a um dos momentos de repressão policial, ocorrido em 1953, na Avenida Visconde de Guarapuava. Matérias fazem referência a um episódio anterior, sem precisá-lo.

O fato aparece nos jornais *O Dia*, *A Tarde* e *Diário da Tarde* de 5 de novembro de 1953. Os envolvidos são apontados como “mais um grupo de Tulipas Negras”, debaixo de adjetivos como “tarados”, “degenerados”, ridiculizados ao serem citados como “Golden Boy” e “Rosarito”. Os demais participantes da cerimônia são citados. Ao todo, três delegados estão na investigação, todos ligados à Delegacia de Segurança Pessoal. Os títulos são: “Casamento simbólico de mariquinhas” (*Diário da Tarde*, 1953); “Descoberto em nossa capital mais um clube de Tulipas Negras” (*O Dia*, 1953); “Um ano de união singular – sacerdote de Eros e Afrodite realizam ritos no templo do amor homossexual [...] Polícia interrompe em meio a bacanal de tarados” (*A Tarde*, 1953).

Em se tratando dos “Tulipas Negras”, os verbos precisam ser colocados no condicional, dada a fragilidade dos dados. Exemplo: o episódio mais propalado sobre o grupo diz que num carnaval – em data não precisada – um grupo de homens de alta-sociedade teria se reunido para um baile à fantasia, num dos apartamentos do Edifício Kwasinski, então um endereço elegante da cidade, pertencente à família da futura atriz de teatro Ilana Kwasinski, casada com o também ator Claudio Correia e Castro.

O suposto fausto dos Kwasinski era assunto corrente na cidade, o que pode ter superfaturado o “desenho” do acontecimento na memória coletiva. O delegado – supostamente Valfrido Pilotto (1903-2006) (Dicionário, 1991)<sup>5</sup>, o mesmo que teria reprimido a comunidade alemã de Curitiba, assim que o Brasil entra na Segunda Guerra Mundial, em 1942 – teria sido informado do encontro, prendido todos os carnavalescos “vestidos de mulher”, enquadrado o grupo em uma legislação similar à do “atentado violento ao pudor” e exposto suas identidades à imprensa.

---

<sup>5</sup> No *Dicionário Histórico-Biográfico do Estado do Paraná* (Curitiba, 1991), Valfrido Pilotto aparece como membro da Academia Paranaense de Letras, em 1937. Presidente do Centro de Letras do Paraná, em 1966. Ligado à revista *Prata da Casa*, entre 1950-1952. Polemista em relação aos modernistas, com quem teve pejejas literárias nos jornais. Usava o pseudônimo de Otto di La Nave. Não há menções a seu ofício de delegado.

Como declarou o pesquisador Remon Matheus Bortolozzi (2024) em entrevista para este artigo, ainda que esta notícia não tenha sido encontrada nos jornais da época, é improvável que não tenha acontecido, de alguma forma, tamanha a riqueza de detalhes que a cerca. A favor desta hipótese, em 2018 veio à tona, por meio de fontes do pesquisador, a existência do processo movido por Pilotto ou por alguns de seus subalternos, estando os papéis sob custódia de um membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGPR). Em tese, estariam sob risco de serem incinerados, ante o temor do tutor que os nomes dos arrolados expusesse ao ridículo familiares de clãs ilustres do estado.

O resgate dos documentos físicos envolvendo, diga-se, os mais renomados do processo, seria de grande valia para saber do que de fato foram acusados – uma vez que, em todos os casos, os documentados e os não documentados – os encontros da confraria se davam em espaços privados. Detalhes do arquivamento ou desdobramentos legais dos processos. Qual a mentalidade jurídica que movia os acusadores. E a posição retrógrada da capital paranaense diante do surgimento de clubes dos chamados “entendidos” em outras capitais do país, em período similar (Green, Polito, 2006).

## **PROCESSOS DA PESQUISA**

As buscas sobre os vestígios dos “Tulipas Negras” – que formam esta pesquisa – tiveram início por vias paralelas, em 2010, por ocasião de uma outra investigação, também em curso, sobre o Gala Gay e o “Baile dos Enxutos” (Fernandes, 2010, 2011), evento que por pelo menos duas décadas mobilizou a sociedade curitibana – em seus mais diversos saldos bancários – durante o carnaval. Como acontece em toda e qualquer menção à presença LGBTQIA+ no Paraná, veio à tona, na ocasião, como uma espécie de marco zero, a violência praticada contra os “Tulipas” do Edifício Kwasinski.

As duas pesquisas se desenvolveram, a partir daí, de forma errática, e assim permanecem. Apesar da inconstância, em momentos diferentes surgiram informações que concorrem para preencher os vazios em torno do caso – quase sempre tratado como “algo que saiu nos jornais”, o que sugere uma espécie de trauma coletivo em torno da exibição pública da intimidade, no caso, de pessoas conhecidas da cidade. Entendeu-se que a partir desses nomes em específico, seria possível recorrer à história oral para documentar o episódio.

Em entrevista com o carnavalesco curitibano Ney Souza (Fernandes, 2013), o episódio foi tratado de forma aberta, com a declaração de que o fato era sabido, mas que, sendo Ney um adolescente à época dos fatos, não participou. No ano seguinte, o estilista Eleuther Guimarães (Fernandes, 2014) se esquivou do assunto, demonstrando desconforto com a pergunta. No mais, sua consagração como costureiro da alta sociedade se deu nos anos 1960, quando o “Tulipas” era passado. A partir de 2018, com a informação da sobrevivência, num acervo particular, do processo contra os rapazes do Edifício Kwasinski, deu-se início a negociações para a doação deste acervo, mediada pela pesquisadora Leilah Santiago Bufrem, professora aposentada do Departamento de Biblioteconomia da UFPR. Não houve êxito na empreitada, nem sob a garantia de que o material ficaria sob custódia de Bufrem, com a garantia de que o nome dos envolvidos não seria revelado.

Ainda em 2018, numa nova tentativa de encontrar as identidades dos injustiçados pela polícia de costumes, avança a pesquisa sobre um personagem da época, e que a cidade identificava como gay, ainda que debaixo dos véus com que o assunto era tratado no período: Glauco Flores de Sá Brito (Fernandes, 2018). Em depoimentos recolhidos junto a seus contemporâneos, preponderou a narrativa de que em vez de participar do “Tulipas Negras”, como seria razoável, o poeta e dramaturgo gaúcho, radicado no Paraná, demonstrava ojeriza e desprezo pela confraria.

As iniciativas de estudos e resgate documental em rede, orquestrada por grupos de pesquisadores do Acervo Bajubá, Máquina de Ativismos em Direitos Humanos e do Centro de Documentação LGBTI+ Prof. Dr. Luiz Mott (Cedoc LGBTI+) do Grupo Dignidade têm permitido avanços na consolidação de dados básicos sobre esses eventos. Acrescente-se que em torno das iniciativas passaram a gravitar graduandos, mestrandos, doutorandos de instituições de ensino ocupados da memória LGBT no Paraná. O volume de pesquisa ainda é tarefa a ser realizada, mas se pode antecipar que tendem a ser expressivas em torno da Grafipar Edições, publicadora que conviveu, mas também driblou a ditadura ao publicar 65 títulos diferentes, entre quadrinhos e revistas eróticas, mesmo debaixo da censura.

Para os estudos sobre a Grafipar Edições – e outros que daí derivam –, contudo, permanece o imperativo de elucidar o caso “Tulipas Negras” e explicitar os seus sentidos para a afirmação das sexualidades plurais na cidade de Curitiba. A cidade em que o caso

“Tulipas” ocorreu, aliás, é indicada por jornalistas em atuação na década de 1950, como Hélio de Freitas Puglielli (2024), como integralista e conservadora, à revelia de fatos esparsos que parecem dizer o contrário. A repressão que sofreram encontrava eco e aplausos.

Em resumo, além da obra de Dalton Trevisan e escritos esparsos sobre o fato tem-se hoje a documentação arrebanhada pelo Acervo Bajubá. Ainda que pequena, dá indicativos de em Curitiba houve mais de um momento de repressão aos chamados “entendidos”, ou “sexys”, em endereços diferentes do que o Edifício Kwasinski. A linguagem do noticiário, lida hoje, de forma anacrônica, corre o risco de não captar as particularidades do que, nos estudos de imprensa, se chama de jornalismo policial, de alta vendagem, mas escritos pelos chamados “carrapichos”, apelido pejorativo para repórteres com baixa formação (Angrimani, 1995). Por fim, não menos interessante, é a descoberta, nos jornais, da expressão “fulano é um tulipa”, no sentido de que o rótulo poderia ser atribuído a qualquer homem de, digamos, sexualidade suspeita.

## CONSIDERAÇÕES

Ainda em fase de pesquisa preliminar, minimalista, mas de sentido incontornável no conjunto de investigações sobre a resistência LGBTQIA+ no Paraná, a breve e atribulada existência dos “Tulipas Negras” sugere possibilidades de pesquisa para além da aventada neste resumo – uma triangulação entre imprensa, literatura e imaginário.

É razoável que Dalton Trevisan (1992)<sup>6</sup>, ao se referir aos “Tulipas Negras” mais de uma vez tenha contribuído para uma ficcionalização em torno dos fatos – fatos que no noticiário são rotina policial e parecem se referir aos envolvidos apenas como “um tulipa”, sem lhes poupar o nome e a exposição exótica e vexatória – a exemplo da crônica jornalística sobre um casamento entre dois homens, também reportada em jornal do Rio de Janeiro, à mesma época (Green, Polito, 2006)<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> “Curitiba das ruas de barro com mil e uma janelinhas e seus gatinhos brancos de fita encarnada no pescoço; da zona da Estação em que à noite um povo ergue a pedra do túmulo, bebe amor no prostíbulo e se envenena com dor de cotovelo; a Curitiba dos cafetões – com seu rei Candinho – e da sociedade secreta dos Tulipas Negras eu viajo.” (Trevisan, 1992, p. 8). O conto “Em busca de Curitiba perdida” foi publicado originalmente no livro *Mistérios de Curitiba*, de 1968.

<sup>7</sup> Em 22 de dezembro de 1962, a revista *Fatos & Fotos* reporta, em tom jocoso, o que seria “o casamento do ano”, a união entre João Luiz Albuquerque e Orlando Rafiano, ocorreu numa boate de Copacabana, “alheios ao código penal”, como diz a reportagem (Green, Polito, 2006).

Em meio a sugestões subliminares de que talvez os “Tulipas Negras” não tenham existido como agremiação, à maneira da Turma OK, do Rio de Janeiro. Ou que não teve entre seus frequentadores homossexuais ricos, industriais, do quilate do italiano Mário Milani – habitual no circuito do jazz e das boates dos anos 1950, em Curitiba (Sá, 2017) – mas que a identificação de comportamentos vistos como heterodoxos, nas elites, tenha gerado uma projeção de fatos, explicáveis pelos mecanismos da memória coletiva. Essa força poderosa talvez explique porque, para os mais antigos, entrevistados, os citados e os não citados, o “Tulipas Negras” é sabido, mas é sempre assunto de “outra pessoa”, que por acaso, já morreu.

## REFERÊNCIAS

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

BORTOLOZZI, Remon Matheus. **Entrevista a José Carlos Fernandes**. Curitiba, 2024.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba: Editora do Chain/ Banestado, 1991.

FERNANDES, José Carlos. As mulheres segundo Eleuther. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 19 jun. 2014. <Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/as-mulheres-segundo-eleuther-9oblpd3xl1bd5trony6livbri/>>. Acesso: 04/05/2014.

FERNANDES, José Carlos. Uma pracinha para Gilda, a própria. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 19 jan. 2017. <Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/uma-pracinha-para-gilda-a-propria-8mn7oktkul1fyql895twci70dv/>>. Acesso: 04/05/2024.

FERNANDES, José Carlos. Nos tempos do Gala Gay. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 3 mar. 2011. Opinião. <Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/nos-tempos-do-gala-gay-deid3hv3wrma6hzi8endzgea6/>>. Acesso: 4/5/2024.

FERNANDES, José Carlos. **Resgatando o Gala Gay do Clube Operário**. Curitiba: Grupo Diversidade, 2010.

FERNANDES, José Carlos. Ney Souza no reino dos pinheirais. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 7 fev. 2013. <Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose->



[carlos-fernandes/ney-souza-no-reino-dos-pinheirais-9nzili08q40svlvq0amznit87/>](https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Perfil-Glauco-Flores-de-Sa). Acesso: 4/5/2024.

FERNANDES, José Carlos. Todas as flores de Glauco. **Jornal Cândido**. Curitiba, 1.º ago. 2018. <Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Perfil-Glauco-Flores-de-Sa>> Acesso e: 4/5/2024.

GREEN, James N. POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GREEN, James N. QUINALHA, Renan. CAETANO, Marcio. FERNANDES, Marisa. **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

PUGLIELLI, Hélio de Freitas. **Entrevista ao grupo de pesquisa Jornalismo e Ditadura Militar do Paraná**. Departamento de Comunicação da UFPR. Curitiba, 2024. Acervo.

SÁ JR., Adherbal Fortes de. **Curitiba no tempo da jazz band**. Curitiba: Artes e textos, 2017.

SOLIVA, Thiago Barcelos. Sobre afetos e resistências: uma análise da trajetória da Turma OK (Rio de Janeiro, Brasil). **Revista Latino Americana Sexualid, salud y sociedad**. Rio de Janeiro, n. 31, abr. 2019.

TREVISAN, Dalton. **Em busca da Curitiba perdida**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1992.